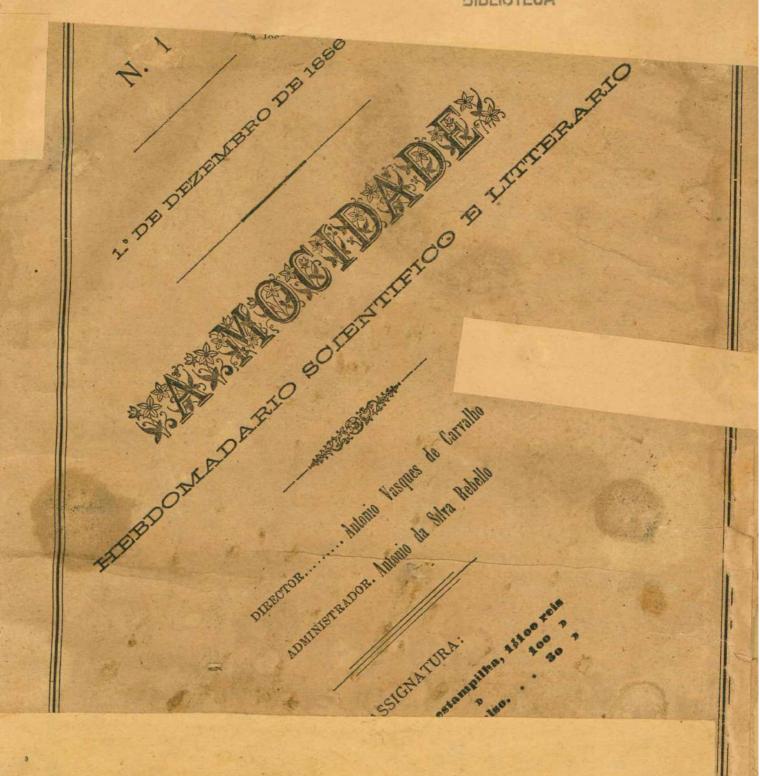
MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA



1.° ANNO

N.º 1

# COLLABORADORES

Accacio Borges — Albano Coelho — A. V. Cid — Dr. Alves Mendes — Dr. Alves da
Veiga — Antonio Fogaça — Antonio Pleias — Augusto de Castro — Augusto de Mesquita —
B. Caldas — Candido da Cruz — F. C. Vasques — Francisco Castor Pinto da Rocha
— Ignacio Carneiro — Joaquim Alvares da Silva — Joaquim Baptista
— Alves de Lemos — Joaquim José Martins — J. C. V. — Manoel Velloso Armelim
— Junior — Dr. Pereira Caldas — Sebastião Pereira da Cumha —
Silvestre Falcão.

## CHRONICA

entilissima leitora: Apresento-te a «Mocidade» quevem hoje alistar-se, modesta e timida, nas fileiras da imprensa portugueza. Apparece em publico para partilhar da amisade que o genio portuguez tem de monstrado, com signaes de resosijo, pelo amor ao trabalho, dedicação pelas lettras sciencias, tendo em mira merecer um lugar, ainda que obscuro, no teu boudoir, e ella terá attingido o seu fim se te poder fazer passar alguns momentos das interminaveis noites de inverno.

O inverno! aborreço-o. Só fallar n'elle me causa arrepios. Se o podesse supprimir, de boa vontade o faria. E' a minha sombra negra, que me persegue e que ne arruina; ás vezes encho-me de coragem, metto-me entre os cobertores e ahi rio-me d'elle, a bom rir, mas o malvado, quando me apanha a geito, dá cabo de mim com frieiras, com bronchites, com pneumonias, com tudo mais que lhe appetece, fazendo-me voltar para a cama, mas, d'esta vez, constrangido sentindo-me suffocado por uma raiva concentrada contra o miseravel que, semelhante ao ladrão, me grita aos ouvidos com voz ameaçadora: -ou vaes para a cama ou morres! Um verdadeiro martyr que sou d'esse senhor! E, comtudo, ha de haver gente que o não odeie, como eu, e goste d'elle; está-me a parecer que és do numero dos ultimos, querida leitora, mas eu bem sei porque: pelas distracções que se te offerecem n'esta epocha, pelas reuniões de familia, pelas soirées dançantes e depois os theatros....

A proposito, já sabes que este anno temos companhia lyrica no S. João? e que já estão na Invicta algumas cantoras que fazem parte do elenco d'essa companhia? e não sabes que o debute é no dia quinze de Dezembro? Pois vão sendo horas de ires preparando as malas, de deixares a provincia e de vires até ao Porto. Os preços são mais baixos que os do anno passado, com o que folguei muitissimo, porque, aqui muito á puridade, ando a vér se arranjo uns cobresitos para me dar o gostinho de ir, uma ou outra noite, ouvir um bocado de musica d'um logar especial, de lá de cima... do paraizo. E bem preciso d'isso depois da decepção por que passei n'estas ultimas eleições em que me propunha para camarista e afinal fiquei a vêr navios e ainda não sei a razão porque me excluiram.

Vou averiguar o motivo, porque o fizeram e na proxima semana prometto por tudo em pratos limpos.

Porto, 30 - 11 - 86.

Jucarvas.



# 1.° DE DEZEMBRO DE 1640

I

Na restauração de Portugal, depois dos 60 annos de sujeição a Castella, verificou-se á larga o asserto do padre Antonio Vieira nos Sermões — Tom. VII. §. V. num. 505 — ao occupar-se da glorificaação do bom successo das nossas armas, pres ando na capella real de Lisboa em 1645:

«A menor aldeia de Portugal, quando se i é Numancia: e quando se defende, é Carthago Não passou despercebido isto a José Correia de Mello e Brito d'Alvim Pinto — no poema epico Joan-NEIDA — ao decantar-nos a defeza da liberdade de Portugal por D. João I, exclamando assim no cant. V, oit. LXXXIV:

> «Menos triste será, menos funesta, «Nos apertos d'um risco tam tyranno, «Uma morte por armas gloriosa, «Do que em froixa inacção injuriosa.

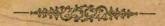
> > III

Nem eu tambem pela minha parte — como amantissimo da patria — deixei de lembrar-me d'ambos com enthusiasmo, ao imitar-lhes o conceito em 15 de dezembro de 1879 n'um sarau aqui, em Braga, na Sociedade Democratica, findando assim a minha poesia Patria e Liberdade:

«Póde a luz perder o brilho! «Póde o sol errar o trilho! «Mas escrava Lysia — não! «Póde o céu ficar sem astros! «Mas Lysia, a patria dos Castros, «Ou é livre — ou morre então!

Braga, 18 de Novembro de 1886.

O Professor do Lyceu, Pereira Caldas.



### AMOR! AMOR!

(EXCERPTO)

Ser amado, que orgulho!

Ser despresado, que punhal!

O sacrificio pelo amor, que soffrimento tão doce!

A paz do abandono, que goso tão envenenado!

O amor será uma loucura, será.

Mas sem esta loucura, o que seria o homem?

Não se é homem sem se amar.

Depois sim.

O nosso coração comprehende então as abnegações heroicas, abraça os grandes sacrificios.

Christo deixa de ser a espada vingadora, e soergue-se como martyr sublime do amor pela humanidade.

O padre deixa de ser o carrasco das consciencias, para ser admirado como heroico missionario do amor e Christo.

A vida é a cruz, e o Cyreneu o amor.

b, cruz e Cyreneu, de tal forma se comprehendem, tanto se soccorrem, que nunca a vida pareceu longa ao que sonhou com amor, nem o amor foi inutil ao que passou pela vida.

Se não suppozermos uma patria querida, que sirva de mãe á nossa mãe e á nossa amada, como conceberemos o guerreiro?

Se não admittirmos os incitamentos do amor, como havemos de crer nos heroes?

Vêde o poeta: que é elle sem o amor?

Uma lyra sem cordas, uma ave sem espaço, uma flor sem atmosphera uma setta sem impulso.

Encordõe-se a lyra, e ella deixará desprender as suas harmonias; deixem a amplidão do espaço á avesinha, que ella voará graciosamente, n'um chilrear alegre; consinta-se á flor que respire n'uma atmosphera livre, e vel-a-hão rejuvenescer-se e crescer, crescer para o ceu; imprima-se força e direcção á setta, e ella fenderá vertiginosamente os ares.

Dae ao poeta o amor, e elle rovoluteará em volta do ideal, sublimará a inspiração para sublimar o éstro, remontar-se-ha successivamente a alturas superiores, até que, pairando n'uma região altissima, possa sorver a amplos pulmões o oxigenio d'uns sonhos bons, e fazer radiar fulgurantemente a luz do seu genio.

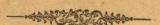
O amor!

E' uma loucura, sim; mas é uma loucura necessaria, que transforma um tição n'uma estrella, um carvão n'um diamante, o besouro n'um pyrilampo, o cogumello n'uma flor e o timido n'um heroe.

Mocidade! sejamos todos loucos de amor, emquanto que a mão descaroavel do tempo nos não colloca sobre a face o sinete da inutilidade, fazendo chorar sobre a campa das crenças felizes a tristissima alvorada do scepticismo!

(Do romance VENTURAS E AVENTURAS, carteira d'um poeta, a sair do prélo).

Albano Coelho.



# OS ACHANTIS

### OS SEUS HABITOS E COSTUMES

(JULES GROS) CAPITULO I

#### Do governo e Justica

O Achanty é governado despoticamente. Cada individuo, desde o ultimo escravo até ao primeiro chefe, pertence ao rei que o póde elevar ou abaixar a seu bel-prazer. Eis a razão porque são todos obedientes e submissos e se orgulham de terem o nome de oïnkoi (escravos do rei).

O reino é dividido em districtos tendo cada um d'estes a sua capital que é governada por um grande chefe ou vice-rei. Cada districto conta um certo numero de aldeias mais ou menos importantes cujo chefe ou maire é nomeado pelo rei.

Cada cidade ou aldeia, segundo a sua importanciae numero de habitantes é dividida em companhias a que dão o nome de assafo. Todos os membros d'um assafo são solidarios uns dos outros. Entre elles existe uma especie d'assistencia mutua. O chefe do assafo (assafo oïné) partilha dos bens que um dos seus membros recebe como tambem muitas vezes toma parte nas suas adversidades. Os membros d'um assafo são, além d'isso, parentes pela maior parte.

Cada chefe é responsavel pela sua aldeia, como o chefe de provincia pelo seu districto.

Tanto um como outro são encarregados de detalhes onde o rei não mette-bico. Exerce as funcções d'um juiz de paz. Em todas as aldeias as primeiras horas do dia são consagradas ao julgamento das causas, discussões ou chicanas. Logo de manhã cedo vêse o dikero (juiz) e todos os pagnifo, conjunctamente com os anciãos e ociosos da aldeia, acompanhados dos seus escravos munidos de cadeiras, irem abrigar-se sob a maior arvore da localidade. Esta arvore cobre n'um momento a maior parte dos habitantes que, sempre, tomam um vivo interesse n'estas sessões, tomando, cada um, o partido d'um ou outro adversario.

Os processos terminam quasi sempre amigavelmente; o que não tem razão é condemnado a pagar as despezas. Se a coisa é um pouco séria, o condemnado deve fornecer carneiro ou uma certa porção de ouro em po que é repartido pelo dikero e velhos que julgaram a causa; e se é de pouca importancia contentam-se só com uma certa medida de vinho.

Se as partes interessadas acham a decisão illegal ou injusta e se não querem sujeitar-se a ella appellam para o vice-rei da provincia e às vezes d'este para o

O dikero d'uma aldeia e o chefe d'uma provincia não pódem julgar certas causas-crimes como por exemplo: Um individuo prejura ou viola o grande juramento do rei. Só ao rei é que é permittido julgar a causa.

Este sabe diariamente o que se passa nos mais insignificantes aldeias. De todas partes recebe narrações detalhadas e minuciosas, porque todo o mundo é obrigado, sob penna de morte, a narrar o que vé e o que ouve.

As ordens do rei são expedidas dia e noite em todas as direcções e publicadas em cada aldeia por mensageiros portadores de instrumentos ao som dos quaes todos os habitantes se reunem para ouvirem a ordem ou lei a cuja leitura se vae proceder. Ao som d'estes instrumentos respondem elles com um grito especialmente adoptado para este fim.

O rei Achantis é um dos homens que mais affazeres tem. Elle é guerra, é religião, é commercio, é agricultura. Occupa-se tambem, e não pouco, dos pezos e medidas e do preço dos diversos generos. No entanto o que lhe dá mais trabalho e em que se occupa mais é da justiça.

F. C. Vasques. (Continuia).

#### FAMILIA

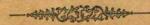
(PASSATEMPOS)

Com este titulo encetamos n'esta revista uma secção recreativa, especialmente dedicada ás nossas amaveis leitoras, e onde figurarão, successivamente, charadas, enigmas, logogriphos, problemas, cartas enigmaticas etc., tudo emfim que possa ajudar a matar o tempo.

Convidamos os nossos estimaveis assignantes. cultores do genero a enviar-nos as suas producções que gostosamente publicaremos.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser subrescritadas a J. Camaleão-rua Direita n.º 275-Porto.

J. Camaleão.



#### CHARADAS HOVISSIMAS

O oceano com este appellido dá um fructo-1-2 Na musica e na musica não é boa porque é de vidro 1-1-.

J. C. V. Porto.

Este sentimento no campo é uma arvore-2-2. Porto.

A. Cid.

#### OHARADA MATHEMATECA

Cidade-b-|-p-Cidade-2-

Regoa.

F. d'Azevello.

#### Charada em quadro

Na physica Na familia Tempo **Embarcações** 

Porto.

A. Cid.

ENIGMA N.º 1

SOBRE

Regoa.

S. Santos.

#### PROBLEMA

### A ARNALDO B. COELHO

Perguntando um individuo a um amigo a edade que tinha, este respondeu: A somma das nossas edades é egual a 30; mas eu tinha o quadrado da edade que tinhas quando tinha a edade que tens, menos a edade que tinhas quando a minha edade era o quadrado da tua.

Quer-se saber a edade de cada.

J. C. Vasques.

#### SUMMARIO

Chronica. Por Jucarvas. 1.º de Dezembro de 1640. Por Pereira Caldas. Amor! Amor!. Por Albano Coelho. Os Achantis. Por F. C. Vasques. Em Familia (Passatempos).